

MUSEU ITINERANTE: O MUSEU VAI À ESCOLA

Submetido em 29/09/2020

Aceito em 07/11/2020

Ana Maria Charnei¹

Diretora do Museu de Geociências
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

RESUMO: O papel desempenhado por museus de Ciências é de suma importância no desenvolvimento crítico e na formação da consciência ambiental do público atendido. Desenvolver atividades em locais externos às quatro paredes de um acervo museológico, desperta um encantamento nos seus expectadores. Assim sendo, o projeto “Museu itinerante: o Museu vai à escola” foi elaborado pensando em escolas e alunos que, devido à distância e a falta de meios, não conseguem visitar e conhecer o acervo. O projeto foi elaborado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Fernandes Pinheiro-PR atendendo quatro escolas municipais dentre os meses de agosto a dezembro de 2019. Foi disponibilizado um kit didático com exemplares de invertebrados, vertebrados e fósseis para que fosse utilizado pelos professores de cada escola. Por meio de uma avaliação diagnóstica e apreciação final do projeto, constatou-se uma ampliação do conhecimento e o despertar do interesse sobre o material através do contato e manuseio do mesmo, indicando assim bons resultados em atividades educativas semelhantes que venham a ser desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Museu itinerante. Ensino. Educação ambiental. Coleções. Interdisciplinaridade.

ITINERANT MUSEUM: THE MUSEUM GOES TO SCHOOL

ABSTRACT: *The role played by science museums is of paramount importance in the critical development and the formation of environmental awareness of the public. Developing activities in places outside the four walls of a museum collection awakens an enchantment in its viewers. Therefore, the project “Traveling museum: the Museum goes to school” was designed, thinking of schools and students who, due to the distance and lack of resources, are unable to visit and discover the collection. The project was developed in partnership with Fernandes Pinheiro-Pr Municipal Education Department, serving four municipal schools, between the months of August and December 2019. A didactic kit with copies of invertebrates, vertebrates and fossils was made available for use by teachers at each school. Through a diagnostic evaluation and final appraisal of the project, there was an expansion of knowledge and the awakening of interest in the material, through its contact and handling. Thus indicating good results in similar educational activities that may be developed.*

KEYWORDS: *Itinerant museum. Teaching. Environmental education. Collections. Interdisciplinary.*

¹ Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati-Pr. Agente universitário, Diretora do Museu de Geociências-Unicentro. Rua Professora Maria Roza Zanon de Almeida Engenheiro - Gutierrez, Irati - PR, 84505-677, Tel: (42)34213210, e-mail: amcharnei@unicentro.br

MUSEU ITINERANTE: O MUSEU VAI À ESCOLA

O papel do Museu na sociedade: perspectivas

A definição do termo museu, segundo o Ministério da Cultura, é utilizada para qualquer coleção, particular ou pública, vinculada a alguma instituição, que cumpra funções específicas, como preservação de bens culturais, comunicação, conhecimentos, exposição e documentação dos mesmos.

Dentre as mais diversas contribuições de um acervo museológico para a sociedade, destaca-se a ação educativa. Em seu artigo, Gabriela Ramos Figurelli² define a ação educativa nos museus, como uma atividade:

pensada e realizada para cooperar com seu desenvolvimento, contribuir para o seu aprimoramento e facilitar o seu reconhecimento enquanto sujeito social, pois (...) o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano.

Um museu, comprometido com o seu público, tem a responsabilidade de adquirir, conservar e promover o seu acervo, com interação da comunidade, uma vez que este reflete o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provém, sua memória cultural, ampliando assim a dimensão do valor, em relação às suas práticas culturais.

As coleções dos primeiros acervos eram conhecidas inicialmente como “gabinetes de curiosidades” e o seu acesso era restrito à pequena parcela da população. Somente a partir do séc. XVII, as coleções passaram a assumir uma dimensão educativa e de informação. Na visão de Ozias de Jesus Soares³, as coleções sob a guarda dos museus, passaram a proporcionar, além de conhecimento, experiência estética e encantamento.

Os museus e centros de ciências fazem parte da nossa sociedade há mais de três séculos e sofreram, ao longo do tempo, mudanças na sua concepção e importância. Tidos, inicialmente, como espaços de exposição e guarda de coleções, passaram a serem espaços de aprendizado e lazer.

O papel formador desempenhado pelos museus e acervos de ciências, tem despertado o interesse tanto de pesquisadores, como de educadores, no que se refere ao desenvolvimento do conhecimento, na divulgação científica e na formação do público que o visita. Para Luciana Scur⁴, a escola e os espaços para a educação não formal, contribuem com recursos didáticos e pedagógicos e metodologias diferenciadas, que complementam as ações da educação formal.

² Figurelli (2001).

³ Soares (2016).

⁴ Scur (2015).

Patricia Castellano Pineda⁵, também observa que os museus estão deixando de ser, simplesmente, guardiões de patrimônio, tornando-se espaços fundamentais de apoio à ação educativa, configurando-os como mediadores entre a sociedade, a ciência e os pesquisadores. Esses espaços têm um papel importantíssimo tanto no âmbito educativo como no de comunicação, contribuindo para a fundamentação do conhecimento dos conteúdos biológicos e naturais.

Em geral, quando uma escola busca o acesso a uma coleção biológica, ela busca um aprofundamento do conhecimento repassado dentro da sala de aula, possibilitando o contato com objetos, situações e experimentos muitas vezes difíceis de serem reproduzidos em sala de aula, seja pelos desafios estruturais da escola ou seja pela própria especificidades do conteúdo trabalhado. Para Martha Marandino⁵, o contato da escola com os museus potencializa os processos de aprendizagem, sendo necessário um planejamento didático para a ampliação do impacto dessas ações.

No desenvolvimento de atividades com materiais externos à sala de aula, observa-se que estas atividades despertam nos alunos o interesse e a curiosidade, uma vez que estão acostumados com o conteúdo pronto de sala de aula. Essa prática de educação não formal, no caso de museus e outras atividades que não estejam no cotidiano metodológico em suas escolas, trazem aos alunos uma realidade mais próxima, provocando a curiosidade, a discussão frente a novas descobertas e a inevitável comparação dos conteúdos com a realidade do educando.

O museu é reconhecido não apenas como um espaço de saber, cujas funções são baseadas na coleta, armazenamento e preservação, mas também como um lugar de memória que possui a capacidade de criar ou recriar, reforçando os sentimentos de identidade de uma comunidade. Constitui assim um espaço de conhecimento privilegiado.

Considerando o que Luísa Tavares F. Freitas⁶ diz, a educação é um processo adquirido ao longo da vida de um indivíduo e pode se dar de três formas. A primeira é a educação formal, desenvolvida na escola e centros de saber, a segunda é a educação informal através da convivência em sociedade, através de processos naturais e espontâneos. E a terceira forma, é a educação não formal, que acontece fora os ambientes escolares, mas que buscam determinados objetivos, como museus e centros de ciências, entre outros espaços de educação não formal, onde ocorre a aprendizagem de conteúdos da escola formal, com atividades desenvolvidas de forma direcionada e objetiva.

Com o desenvolvimento tecnológico e científico, aumentou a necessidade da propagação científica para toda a sociedade, com isso aumentando a importância dos espaços de educação não formal

⁵ Pineda (2008).

⁶ Freitas (2018).

e informal. Martha Marandino⁷, iniciativas partiram da constatação da necessidade de expansão dos processos de ensino-aprendizagem de ciências para estes outros locais de educação.

Museu de Geociências da Unicentro: histórico

O projeto Museu de Geociências da UNICENTRO, no *Campus* de Irati-Pr foi elaborado pelos Professores Angela Guedes Moreira Lara e Luiz Carlos Basso, como um projeto de Extensão Permanente, o qual foi aprovado oficialmente pelo então reitor Carlos Alberto Gomes, em 22 de maio de 1997, pela resolução N° 088/97. Inicialmente ficou sediado no Departamento de Ciências Exatas e Naturais, hoje extinto.

O objetivo inicial do projeto era montar um acervo didático com amostras de material biológico, geológico e paleontológico destinado para as aulas práticas do curso de Ciências Licenciatura, sendo o material pertencente a professores da instituição.

O projeto previa a utilização de duas salas no prédio principal do Campus, uma para acondicionar o acervo em crescimento e outra para exposições. Por solicitação da Assessoria de Planejamento da UNICENTRO foi elaborado um regulamento para a utilização do acervo do museu, que previa condições para empréstimo e penalidades. Um parecer foi emitido pelo Diretor de execução Orçamentária e Contábil, em 21/03/1997, que o projeto deveria se autossustentar.

O desafio foi aceito e foi formulado um novo projeto paralelo, que pudesse gerar fundos para cobrir as primeiras despesas necessárias para a implantação das bases do que viria a ser o Museu de Geociências. Este novo projeto intitulado “*Projeto Piloto para a Instalação de Recipientes para Coleta Seletiva de Lixo na UNICENTRO/ Campus de Irati?*” foi elaborado por alunos do curso de Engenharia Florestal, na disciplina de Educação Ambiental, e coordenado pela professora Angela Guedes Moreira Lara e Luiz Carlos Basso. O projeto de Coleta Seletiva tinha como objetivo principal, sensibilizar e informar a comunidade acadêmica quanto à relevância da correta separação de resíduos gerados no Campus. Previa ainda a exploração da venda de material coletado. Para tanto foi celebrado um Termo de Compromisso entre o Centro Universitário de Irati, a Associação de Professores e Funcionários da UNICENTRO e o Diretório Estudantil.

De acordo com esse termo, ficou estabelecido que a Associação de Professores e Funcionários se responsabilizaria pela venda do material reciclável, sendo que 75% dos lucros seriam destinados ao Museu de Geociências, 20% seria da Associação e 5% seria destinado ao Diretório Estudantil. O acordo permaneceu vigente até 2008, quando a Comissão Ambiental do Campus assumiu o gerenciamento dos

⁷ Marandino (2009).

resíduos sólidos produzidos na Universidade, destinando-os à cooperativa de Agentes Ambientais Catadores de Irati- COCAIR.

Essa parceria é considerada o ponto de partida para a implantação do projeto Museu de Geociências de forma autossustentável, e que possibilitou a realização de atividades previstas no cronograma, sendo possível a aquisição de materiais permanentes e de consumo.

Em 1994, o Campus de Irati recebeu a doação de uma antiga edificação de madeira, que pertencia a Família Anciutti, descendentes dos primeiros colonizadores italianos que chegaram à região em 1907 e se fixaram no bairro Riozinho. Esse espaço foi repassado para o museu e tornou-se o espaço para exposições temporárias.

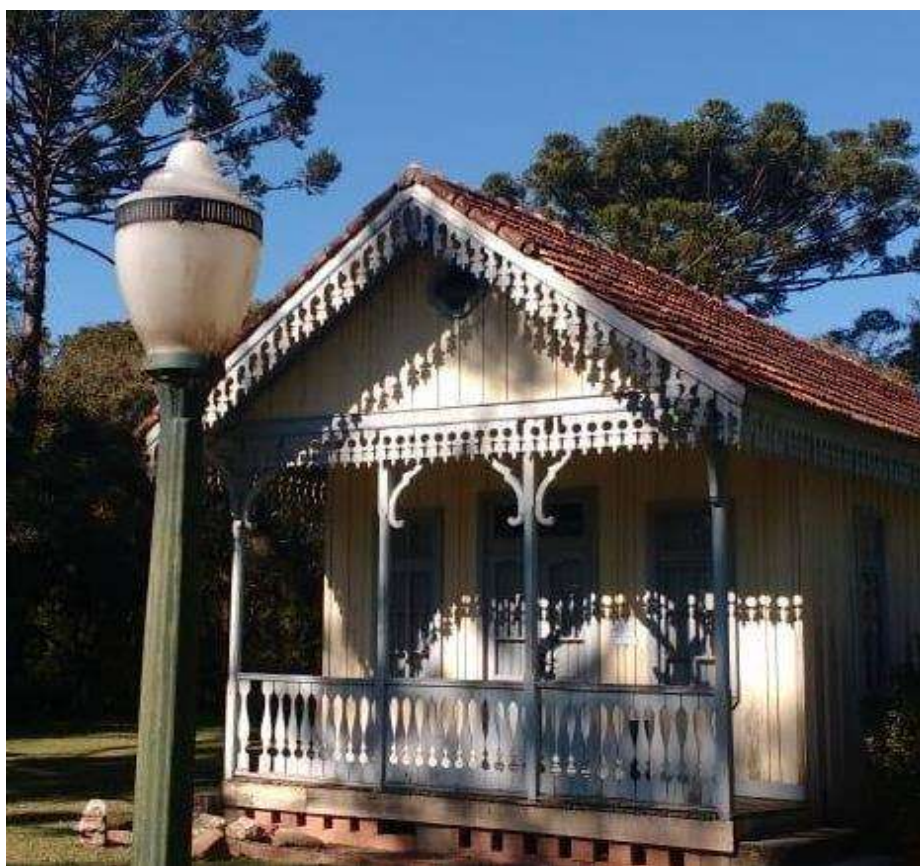


Foto 1

Em 2004, com recursos do próprio Campus foi construído um laboratório de Taxidermia, onde são preparadas todas as peças recebidas.

Em 2014, o Museu de Geociências foi institucionalizado, através da aprovação do seu regulamento.

Desde o início, o atendimento às escolas públicas e privadas de Irati-PR e região e comunidade em geral é considerada atividade de caráter permanente. Esse trabalho abrange as atividades como

classificação, organização e manutenção de coleções didáticas em laboratórios das escolas da rede de ensino da região, empréstimo de exemplares da coleção didática do museu e o empréstimo e doação dos kits didáticos, além de exposições temporárias, permanentes e itinerantes.

Segundo a última atualização no ano de 2018, o acervo conta com um total de 8670 peças, dentre os quais estão rochas fósseis, invertebrados e vertebrados, tendo uma coleção de animais taxidermizados, num total de 130 animais.

Museu itinerante: uma prévia

O Museu de Geociências, do Campus de Irati, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, situado na região centro-sul do Paraná, possui um acervo que compreende coleções geológicas, paleontológicas, invertebrados e vertebrados, conservadas de acordo com as técnicas específicas e adequadas ao material e ao grupo taxonômico.

Através de exposições e de visitas monitoradas da comunidade escolar e local, o museu busca atender e informar à comunidade acadêmica e aos demais visitantes sobre a importância deste patrimônio para a conservação da biodiversidade da região.

Por estar situado no Campus da Universidade, o museu fica distante de muitas escolas e instituições das regiões rurais do município de Irati e demais municípios da região, não conseguem visitar e conhecer o acervo, seja pela distância ou pela dificuldade de locomoção, pela ausência de transporte escolar.

Pensando nisso, em 2018 surgiu a ideia do projeto “Museu itinerante: o museu vai à escola”. O projeto foi proposto pela Direção do Museu de Geociências e aprovado pelos órgãos internos da Universidade. O projeto foi realizado como um projeto-piloto, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Fernandes Pinheiro-PR, atendendo um total de quatro escolas, num total de 629 alunos, do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental.

Projeto “Museu itinerante: o museu vai à escola”

No primeiro momento, foi feito um contato inicial com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Fernandes Pinheiro-PR. A escolha do município deu-se pelo fato de ser um município pequeno, com um total de 5.932 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE. Contando com apenas quatro escolas municipais, o município foi escolhido pois seria um primeiro passo para avaliar a viabilidade da itinerância do acervo.

O objetivo principal do projeto era possibilitar a utilização do material didático existente no Museu de Geociências por professores da rede municipal de ensino, além de difundir e divulgar o papel

educativo do museu e do seu acervo bem como propiciar aos alunos do ensino fundamental um contato direto com o material museológico.

Objetivos do projeto

O principal objetivo do projeto era fornecer material diferenciado para que cada professor pudesse realizar uma atividade diferente com os exemplares, que a maioria dos alunos não tem oportunidade de observar no seu cotidiano.

Possibilitando a utilização do material didático existente no Museu de Geociências por professores da rede municipal de ensino, o projeto buscou divulgar e difundir sobre o papel educativo do museu e do seu acervo, propiciando aos alunos um contato direto com o material museológico.

Material e métodos

Os materiais separados foram escolhidos com cuidado, pensando na possibilidade do manuseio pelos alunos. Cada uma das peças foi acompanhada por uma ficha descritiva, contendo informações com uma descrição global, habitat, alimentação, reprodução e sua importância ecológica (Fig. 1 e Fig. 2).



Fig. 1



Fig. 2

O material separado consistia em uma pasta, contendo inicialmente as instruções sobre a conservação, cuidados com o manuseio, orientações aos professores e uma ficha de identificação da escola a ser preenchida por cada diretor/coordenador de cada escola junto a uma ficha avaliativa do projeto. O

kit didático continha exemplares de conchas bivalves e gastrópodes , ovo de tubarão, cavalo-marinho, corais (Fig. 3), bolacha-da-praia (Fig. 4), caranguejo, lagosta, cirripédios (Fig. 5), ouriço-do-mar (Fig. 6) água-viva, algas marinhas, pepinos-do-mar e fósil de peixe (Fig.7).



Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

A primeira escola atendida foi a Escola Municipal Bituva dos Machados, onde foram atendidos 85 alunos. O material permaneceu durante o mês de agosto de 2019 na escola, sendo utilizado pelos professores e trabalhado nas quatro séries.

O segundo colégio foi a Escola Rural Municipal Professora Genny S, Küller, que atende 127 alunos, ficando durante todo o mês de setembro aos cuidados dos professores. Em outubro, foi a Escola Rural Municipal Presidente Costa e Silva, com um total de 122 alunos. E por último foi a Municipal Floresval Ferreira, com um total de 295 alunos.

Ao final desse período, o material foi recolhido e retornou para o acervo do museu.

Avaliação do projeto

A avaliação foi realizada pelos professores e coordenadores de cada escola através de um questionário que continha quatro questões sobre a utilização do material, se os estudantes apreciaram o trabalho desenvolvido e qual era a avaliação final de cada um dos envolvidos. De forma unânime, todos os envolvidos apreciaram a iniciativa, considerando um projeto muito interessante e pertinente, considerando que muitos alunos nunca tinham visto os exemplares, somente por livros e imagens na TV. A avaliação, no geral, foi extremamente gratificante. O objetivo do projeto foi alcançado e colaborou com novas ideias e com semelhantes atividades a serem desenvolvidas em todos os municípios da região de abrangência da Universidade.

Considerações finais

Ao estimular a curiosidade e os questionamentos dos nossos alunos, futuros cientistas e pensadores, incorporamos elementos ao cotidiano dos mesmos, incentivando-o a buscar, conhecer e ampliar seu olhar sobre a realidade, tornando-o um agente transformador no processo de ensino e aprendizagem. Grande parte do sucesso deu-se a inquestionável parceria entre a escola e a universidade. Ao sair de dentro de seus muros, a universidade abre um caminho de preparação para seu próprio público futuro, impelindo-o à busca de mais conhecimentos e crescimento pessoal, como agentes transformadores da sua própria realidade. A iniciativa foi um pontapé inicial para novos projetos e atividades educativas semelhantes a esta.

REFERÊNCIAS

- FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio PPG PMUS Unirio/Mast**, Vol. 4, nº 2, 2011, disponível em: [HTTP://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus](http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus)
- FREITAS, Luísa Tavares Faria, et al. O processo de Mediação de um museu itinerante de biologia marinha. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v. 17, n. 1, 2018.
- MARANDINO, Martha. **Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de Ciências**. Workshop Sulamericano e escola de mediação em Museus e Centros de Ciências, p. 21-27, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.
- MARANDINO, Martha, et al. **Ensino de Biologia: Histórias e Práticas em Diferentes espaços educativos**. Ed. Cortez, 2009.
- PINEDA, Patricia Castellanos. **El Museo y La sociedad: una mirada desde La comunicación**. Barcelona, Editorial UOC, 2008.
- SCUR, Luciana, et al. O museu de ciências naturais vai à escola. **Scientia cum industria**, v. 3, n. 3, 123-126, 2015.
- SOARES, Ozias de Jesus. Ir onde o público está: contextos e experiências de museus itinerantes. **Revista Mouseion** – Unilasalle Editora, Canoas, n. 24, pág. 129-154, 2016.